



A PRÁTICA DO TECIDO CIRCENSE NAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA DA CIDADE DE CAMPINAS-SP: O ALUNO, O PROFESSOR E O PROPRIETÁRIO

Daniela Bento Soares¹
Marco Antonio Coelho Bortoleto²

RESUMO

Esta pesquisa objetiva descrever o perfil dos envolvidos com o ensino-aprendizagem do tecido circense (ou acrobático) nas acadêmicas de ginástica na cidade de Campinas-SP entre os anos de 2009 e 2010. Para isso, analisa, entre outros aspectos, as características dos praticantes (alunos), a formação e o conhecimento desta modalidade circense por parte dos professores e os motivos que levaram os proprietários dos estabelecimentos a oferecerem essa prática. A necessidade de conhecer os sujeitos envolvidos deu-se principalmente devido à incipiência dessa atividade, bem como pela escassa abordagem desse assunto na formação inicial dos profissionais envolvidos e o crescente oferecimento da modalidade nas academias da referida cidade nos últimos anos. A metodologia de coleta de dados baseou-se na aplicação de questionários a 8 alunos, 11 professores e 9 proprietários ou coordenadores de academias, com posterior análise estatística descritiva. Os resultados do estudo indicam que há um aumento no número de interessados pela prática, que por sua vez está motivando outros estabelecimentos a implantarem essa modalidade e, conseqüentemente, incrementando a oferta de trabalho para profissionais especializados. Apesar de ser uma prática recente nas academias, mostra-se como alternativa positiva na diversificação das atividades oferecidas pelo setor. Finalmente, aponta-se a urgente necessidade de formação (inicial e continuada) por parte das Instituições de Ensino Superior (IES), seja com o oferecimento de componentes curriculares específicos, seja por meio da possibilidade de estágio supervisionado na área.

Palavras-chave: Tecido Circense. Academias de Ginástica. Educação Física. Circo.

¹ Graduanda em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas, membro do Grupo de Estudos e Pesquisa das Artes Circenses (CIRCUS) - FEF - UNICAMP desde 2009 e membro do Grupo de Estudos de Educação Física no Desenvolvimento Infantil (GEEFIDI) desde 2010. É bolsista CNPq/PIBIC. Contato: danibsoares@hotmail.com.

² Graduado em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba (1997), Mestrado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (2000) e Doutorado pela Universidade de Lleida (2004) no Instituto Nacional de Educação Física da Catalunha (INEFC), Espanha. Pós-doutorado no Laboratório do Centro de Estudos das Atividades Desportivas (CEAD) da Faculdade de Motricidade Humana (FMH) da Universidade Técnica de Lisboa (UTL - Portugal) (2010-2011). É professor da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, coordenador do Grupo de Pesquisa em Ginástica, membro do Grupo de Estudos Praxiológicos (GEP) do INEFC - Lleida - Espanha e coordenador do Grupo de Estudo e Pesquisa das Artes Circenses (CIRCUS).



AERIAL CONTORTION IN SILK PRACTICE AT GYMS IN CAMPINAS CITY, SP: THE STUDENT, THE TEACHER AND THE OWNER

ABSTRACT

This survey aims to describe the people involved in aerial contortion in silk teaching and learning profile at gyms in Campinas City-SP between 2009 and 2010. For that, it analyses the practitioners (students) characteristics, the knowledge and training of this circensial event by the teachers and the reasons that made the establishments owners offer this practice. The necessity of knowing the people involved is mainly because of the initial state of this activity, either because of the scarce approach on it, mainly relative to initial professional training of people involved and finally, because of the growing offer of this event at gyms in Campinas City in the last years. Data collection methodology is based in applying a questionnaire to 8 students, 11 teachers and 9 owners or gym coordinators and an after statistical and descriptive analysis. The results show that there is an increase in interested people numbers and this fact makes other establishments implant this event and, consequently, increasing the supply to specialized teachers. In spite of being a new practice at gyms, the aerial contortion in silk is a positive alternative to diversify the activities in the area. Finally, it points out the necessity of training (initial and continuous) by the Higher Education Institutions, even by offering new specific curricular components, even by giving the possibility of supervised traineeship in the area.

Keywords: Aerial Contortion In Silk. Gym. Physical Education. Circus



1 INTRODUÇÃO

No âmbito das artes do circo, o Tecido Circense (TC) é considerado uma modalidade aérea na qual a *performance* é executada a partir de um longo pano/tecido fixado, na maioria das vezes pela metade, entre quatro e dez metros de altura. É uma modalidade cuja plástica oferece grande impacto visual (poético e estético) mediante a execução de figuras corporais dinâmicas e estáticas e ações como acrobacias em apoio e suspensão, geralmente coreografadas e com acompanhamento musical. (BORTOLETO, CALÇA, 2007a).

Em virtude das características do aparelho, como a verticalidade, mobilidade e flexibilidade do tecido, por exemplo, essa prática requer qualidades físicas específicas de seus praticantes, em especial força, flexibilidade e coordenação. Logo, o risco eminente, característico das modalidades aéreas, exige importante capacidade de concentração e autocontrole dos praticantes. O desrespeito a algum desses aspectos, associado à dificuldade de realizar ajudas mecânicas (como o uso de lonjas) ou do suporte direto do professor, pode colocar o praticante em situação de risco. Apesar disso, consiste numa prática circense relativamente acessível e que tem atraído grande número de praticantes. (PEREIRA, 2006).

Em geral, é uma prática realizada por jovens e adultos, embora relatem Walter e col. (2007), embasados nas teorias de Gallahue (2005), que até mesmo crianças a partir dos 7 anos de idade possuem condições para se iniciarem nessa atividade.

Pereira (2006) destaca que, embora essa seja uma atividade própria das apresentações circenses, há um interesse crescente de pessoas interessadas pela prática sem o objetivo artístico-profissional. Tal público tem procurado cursos em academias de ginástica, escolas de dança, ou mesmo em escolas de circo. Possivelmente esse fenômeno decorra, ao menos em parte, da crescente divulgação das atividades circenses pela mídia, do significativo incremento de projetos sociais, de escolas de circo e *performances* públicas na última década. A presença das atividades circenses nas academias de ginástica também foi relatada por Oliveira (2008), destacando que tal iniciativa se justifica como atividade complementar e como inovação e atrativo para novos alunos no acirrado mercado do setor. Foi exatamente para isso que Bortoleto (2008, p. 3) chamou a atenção quando afirmou que:

A inegável expansão das práticas circenses na sociedade brasileira vem atraindo a atenção de artistas e também de outros profissionais que se dedicam às atividades cujas temáticas coincidem com o Circo em algum de seus aspectos.

Bortoleto e Machado (2003) afirmam que existem majoritariamente três diferentes objetivos pelos quais os interessados procuram aulas de atividades circenses: o recreativo, o educativo e o profissional. Em todos eles faz-se necessário profundo conhecimento do professor quanto à segurança dos alunos e adequação do conteúdo em relação aos objetivos e expectativas dos mesmos. Assim, entendemos ser fundamental um amplo repertório técnico, metodológico e, se possível, experiência artística, buscando atender às necessidades pedagógicas específicas. Em outras palavras, é preciso uma sólida formação e experiência na modalidade.

Historicamente, o ensino das práticas circenses vem sendo realizado por artistas profissionais (em atividade ou aposentados), muitos oriundos de famílias circenses, detentores dos saberes próprios dessa linguagem artística. (SILVA,



1996). Contudo, dada a ausência de leis reguladoras, bem como a expansão das atividades circenses para as academias de ginástica, escolas formais e outros espaços diversos, profissionais de outras áreas (teatro, dança e também da Educação Física) vêm assumindo tal responsabilidade (DESIDERIO, 2003). O aspecto mais relevante, entretanto, é que, independentemente da formação artística ou acadêmica, a situação de ensino-aprendizagem requer, para além dos conhecimentos técnicos, um entendimento profundo dos processos pedagógicos próprios aos diferentes públicos e objetivos.

Paralelamente, na última década, a necessidade de sistematizar as diferentes metodologias de ensino do TC tem motivado uma série de esforços acadêmicos. Apesar disso, na opinião de Bortoleto e Calça (2007b), o processo de ensino-aprendizagem dos aéreos – e em particular do TC – é ainda em grande parte fruto da transmissão oral e determinado pela experiência empírica que possuem artistas e mestres deste universo. Logo, os estudos preliminares realizados neste período têm buscado discutir as bases metodológicas, terminológicas e também técnicas. Como exemplos, destacamos os trabalhos de Batista (2003), Serra (2006) e Bortoleto e Calça (2007a), os quais descrevem alguns dos procedimentos básicos para o ensino das ações motoras elementares do TC, bem como alguns aspectos de segurança. Destaca-se ainda o estudo publicado por Sugawara (2008), que, embora se dedique majoritariamente à prática da Corda Lisa, apresenta uma interessante abordagem do TC e do processo pedagógico específico dessa modalidade.

A partir das questões até aqui trazidas, este estudo exploratório objetivou descrever o perfil dos envolvidos com o ensino-aprendizagem do Tecido Circense (ou acrobático) nas acadêmicas de ginástica na cidade de Campinas-SP, destacando o perfil dos praticantes (alunos), a formação e o conhecimento específico dos professores e os motivos que levaram os proprietários dos estabelecimentos a oferecerem esse tipo de prática. Para isso, realizamos uma pesquisa de campo que consistiu na aplicação de questionários específicos para cada grupo de sujeitos envolvido (alunos, professores e proprietários), entre julho de 2009 e maio de 2010. Os dados obtidos foram analisados, posteriormente, tanto estatisticamente (análise descritiva) como de modo qualitativo.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 O Circo

É difícil encontrar alguém que não tenha em suas memórias contato com a arte do circo, mesmo que de modo simbólico. No imaginário infantil, esse universo de desafios e magia tem um espaço privilegiado e, com o passar dos anos, o encantamento torna-se um misto de admiração e nostalgia. A linguagem circense possui grande importância cultural e artística, por vezes maior do que o público em geral consegue perceber. Não há dúvidas de sua relevância, especialmente enquanto parte do patrimônio da cultura corporal, tornando esse tipo de atividade objeto de estudo e intervenção junto aos profissionais da Educação Física. (DUPRAT; BORTOLETO, 2007).

Por outro lado, as artes circenses estão, atualmente, presentes nos mais diversos espaços urbanos. Os modelos mais comuns de circo, como destaca Buchianini (2006), são: os circos de lona (espaços itinerantes, normalmente com gestão familiar, com porte pequeno, médio e grande, que circulam por vilas, cidades



e até nas metrópoles); os circos-escola (espaços formativos que atraem cada vez mais pessoas que pretendem aprender as artes circenses, localizados em galpões ou lonas); e os circos de rua (grupos pequenos que promovem apresentações livres em praças e espaços abertos). Contudo, nas últimas décadas vemos também um importante crescimento das atividades circenses nas universidades, por meio dos projetos de extensão, e também nas academias privadas, sejam elas especializadas em ginástica, sejam nas próprias práticas circenses em si.

2.2 O Tecido Circense

A origem da prática do TC é pouco precisa, conforme indicam autores como Sugawara (2008) e Bortoleto e Calça (2007a). Desiderio (2003) menciona o relato da historiadora circense Alice Viveiros de Castro, que alega ter visto no ano de 1999, durante o Festival Internacional de Acrobacias de Wuqia, na China, uma exposição de desenhos orientais da Escola de Circo de Beijing, dentre os quais se viam retratadas *performances* em grandes peças de seda nas festividades do imperador daquele país por volta do ano 600 d.C. Outra teoria possível indica que esta atividade tenha tido origem inspirada na Corda Lisa, uma das mais antigas modalidades circenses, em que os artistas se apresentavam utilizando cordas (BATISTA, 2003). Desiderio (2003) afirma ainda que essa versão se deve à semelhança das ações motoras e técnicas corporais entre o Tecido e a Corda Lisa, embora não haja provas concretas sobre sua veracidade.

De acordo com Sugawara (2008), os relatos mais recentes sobre a origem do TC remontam à França da década de 1980, em que esta modalidade teria sido aprimorada pelo francês Gérard Fasoli, artista que também utilizava cordas, correntes e outros materiais pendurados verticalmente. Ainda sobre essa evolução histórica, Bortoleto e Calça (2007a) afirmam que foi em circunstância pouco precisa, provavelmente fruto da experimentação de alguns artistas, que se chegou ao material utilizado nos dias de hoje, popularmente conhecido como *liganete*, um tecido resistente no comprimento (devido à disposição de suas fibras) e com propriedades elásticas na largura (pela composição de algodão, poliéster e *elastano*), o que confere plasticidade e leveza aos movimentos, além de diminuir o atrito e os “trancos” próprios de materiais rígidos, sem elasticidade. Este composto – *liganete* – apresenta ainda grande resistência, o que tem levado a um uso cada vez maior entre os praticantes do TC, embora tenhamos conhecimento de profissionais que optam por outros tecidos, como o algodão puro.

No Brasil, o TC chegou por volta de 1995, conforme atesta Desiderio (2003, p. 15):

A primeira apresentação de tecido no Brasil aconteceu em 1995. A Escola Nacional de Circo (ENC) realizou seu festival de encerramento anual, onde uma brasileira (Rachel), que acabava de voltar de uma temporada no Circo Arcaos, apresentou-se e apresentou (*sic*) o tecido aos brasileiros. No ano seguinte, A ENC realizou a Universidade do Circo que tinha como professor convidado Gérard Fasoli.

No que tange à sua utilização, o TC³ pode ser utilizado de diversas formas. O tecido liso é a forma mais frequente de uso e consiste na fixação do pano/tecido de 20 a 26 metros, aproximadamente, preso pelo meio em estruturas elevadas (vigas,

³ Neste trabalho, a utilização do termo Tecido Circense se refere ao tipo Tecido Liso.



treliças etc.), com alturas variadas, formando duas partes iguais e paralelas; o tecido marinho, no qual se fixa o tecido nas duas extremidades, separadas a uma distância de 2 a 3 metros, utilizando a parte central do tecido para execução de truques e acrobacias, como um balanço; o *double* tecido, preso como um tecido liso, porém executado por dois participantes simultaneamente, os quais realizam movimentos individuais ou em dupla, semelhantemente ao trabalho do *double* trapézio; o tecido ao voo, modalidade similar à Faixa Circense, com fixação igual à do tecido liso, em que o artista se prende às extremidades do tecido pelas mãos, punhos, braços e pernas e realiza balanços, giros, travas, pranchas e apoios invertidos, quase sempre balançando (em alguns casos com ajuda de guinchos ou sistemas de *polias-moitões*, para poder elevar ou abaixar o tecido em relação ao solo).

Existem outras diversas formas de amarrações para o tecido, bem como diferentes técnicas para subir e descer ou para realizar as ações básicas (travas, figuras e quedas), as quais variam de acordo com o conhecimento e criatividade do praticante. Reforçamos, novamente, que, dos aparelhos aéreos empregados nas artes do Circo, o TC seja provavelmente um dos mais acessíveis, principalmente pela flexibilidade do aparelho (tecido) e pela facilidade de realizar os apoios, nós e outros movimentos. (BORTOLETO, CALÇA, 2007a).

2.3 As Academias de Ginástica

De acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2010), as academias de ginástica e *fitness* podem ser entendidas como entidades que promovem atividade de condicionamento físico, iniciação e prática esportiva de cunho privado. Essas entidades, na opinião de Marcellino (2003, p. 50):

[...] vêm ocupando cada vez mais espaço no contexto social, como organizações especializadas, prestadores de serviços relacionados com as atividades motoras, ou físico-esportivas, ou de movimento, de acordo com a nomenclatura utilizada.

Dados do ano de 2005 indicam que neste período existiam cerca de 20 mil estabelecimentos dessa natureza em todo o território brasileiro, mantendo mais de 140 mil empregados diretos e atendendo aproximadamente a 3,4 milhões de usuários, o que corresponderia a 2% da população brasileira da época. (SEBRAE, 2010).

As academias, segundo Tahara e col. (2003), representam uma importante opção para a população urbana no sentido da realização de alguma atividade física, em grande medida buscando o bem-estar e a saúde. Entretanto, além dessas finalidades, o condicionamento físico e estético, a prática preventiva ou de reabilitação, o convívio social, o controle do peso e a redução do estresse são importantes motivos para a procura das academias por parte da população.

O interesse por esses estabelecimentos iniciou-se no final da década de 1960, momento em que os clubes esportivos representavam quase a única opção para a prática da atividade física e esportiva. Esse movimento atingiu seu auge nas décadas de 1970-1980, sendo até hoje considerado um dos maiores fenômenos sociais. Com o aumento dos estabelecimentos especializados e, por conseguinte, da concorrência, a necessidade de constante inovação, da diversificação das práticas oferecidas, da melhoria na infraestrutura espacial e material e principalmente da qualidade dos serviços prestados assumiu grande protagonismo, motivando profundas transformações no setor.

2.4 As Academias e a Oferta das Práticas Circenses

Segundo De Gáspari e Schwartz (2007), em tempos de sedentarismo e grande competitividade social, as contribuições da atividade física, do lazer e do esporte ganharam grande destaque entre as instituições. Assim, as academias passaram a ter um importante papel no oferecimento e na promoção da atividade física, propondo, entre outras coisas, experiências sensíveis e fundamentalmente corporais, capazes de promover de forma lúdica e livre o encontro do ser humano consigo e com o outro. Ainda segundo esses autores (p. 159):

Atenta às referidas potencialidades e às crescentes demandas por criatividade nos processos de formação e atualização profissional nas áreas da Motricidade Humana (SÉRGIO, 1986; 1989) e da Educação Física (BORTOLETO; CARVALHO, 2003; INVERNO, 2003; GOMES, 2003; LAVEGA, 2002; SOARES, 1992), a academia volta seus olhares e intervenções no sentido de explorar os elementos lúdicos, expressivos e comunicativos inseridos nos aspectos físico, psíquico e sociocultural do universo do circo.

Num estudo similar, Oliveira (2008, p. 22) afirma:

[...] quando se depara com alunos cujas necessidades não são saciadas com as tradicionais salas de musculação e aulas de ginástica oferecidas praticamente em qualquer academia, abre-se espaço para atividades diferenciadas que, embora tenham enfoques principais diversos, podem proporcionar os mesmos benefícios da prática convencional de atividade física. Como exemplos dessas atividades pode-se citar a dança, as artes marciais, as atividades aquáticas (natação, hidroginástica, etc.), atividades circenses, o tai chi chuan, o pilates, a yoga e, até mesmo, atividades que unem elementos de várias outras, como é o caso do famoso programa Body Systems.

Assim sendo, as atividades circenses – e particularmente o TC – passaram a ser uma interessante alternativa de inovação, e, portanto, um meio para atrair novos adeptos e diversificar o público frequentador das academias. Podemos constatar essa afirmação em diferentes reportagens de revistas e jornais de divulgação, como no exemplo que segue:



Figura 1 – Reportagem “O Circo vai à academia”, publicada no site http://download.ihrsa.org/fbla/07jun_portuguese.pdf

Considerando o contexto acima descrito, entendemos que a construção de um conhecimento mais amplo e detalhado sobre a prática do TC em academias de ginástica seja um tema relevante para a atualização da formação e qualificação do



profissional de Educação Física. Trata-se de um assunto ainda pouco estudado e repleto de dúvidas e especulações, sobre as quais tecemos algumas breves considerações.

3 METODOLOGIA

O caráter exploratório desta pesquisa, centrado na descrição de algumas das características da população de alunos de TC em academias, dos professores envolvidos e dos estabelecimentos, levou-nos a propor uma análise majoritariamente qualitativa. A metodologia empregada, em acordo com os objetivos do estudo, buscou proporcionar uma aproximação do problema em questão, tornando-o mais explícito e possibilitando, assim, construir hipóteses sobre os aspectos que eventualmente possam envolvê-lo. (GIL, 2002).

A execução da pesquisa deu-se com a aplicação de questionários semiestruturados com questões de múltipla escolha e também dissertativas a alunos (8), professores (11) e proprietários ou coordenadores de academias (9) da cidade de Campinas, estado de São Paulo. Os sujeitos participantes representavam na época 75% dos proprietários e 91,6% dos professores existentes na cidade no período da pesquisa. Com relação aos alunos, selecionamos de forma aleatória apenas 1 de cada estabelecimento, obtendo uma participação de 66,6% dos sujeitos convidados. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FCM da UNICAMP em novembro de 2009 (Parecer n. 808/2009). Todos os voluntários participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. As questões fechadas foram analisadas quantitativamente (somatória simples) e as questões dissertativas foram tratadas mediante uma Análise de Conteúdo, conforme os procedimentos estabelecidos por Bardin (2009) e Gil Flores e col. (1996).

Para a determinação dos locais a serem pesquisados, primeiramente realizamos contato telefônico ou por correio eletrônico com as academias das quais já tínhamos conhecimento da prática, ou que publicitavam tal atividade. Num primeiro momento, apenas academias de dança e ginástica foram consultadas, resumindo-se em 7 estabelecimentos. Entretanto, tomamos conhecimento de escolas de circo que também ofereciam essa atividade, especialmente no distrito de Barão Geraldo, fato que nos levou a incluir esse tipo de estabelecimento na pesquisa, considerando tratar-se de importantes locais de difusão da prática e com atividades similares às oferecidas nas academias de ginástica. Logo foram localizadas 4 escolas de circo, além de 1 academia de musculação. Assim, a amostra final foi composta por 12 estabelecimentos, dos quais apenas em 7 conseguimos que os sujeitos respondessem aos questionários nas 3 categorias (alunos, professores e proprietários). Outros 2 estabelecimentos responderam a 2 categorias, e finalmente 3 participaram apenas com 1 questionário (QUADRO 1).



Quadro 1 – Participantes da pesquisa

Estabelecimento	Proprietário	Professor	Aluno
Academia de Dança 1	S	S	N
Academia de Dança 2	S	S	S
Academia de Dança 3	S	S	S
Academia de Dança 4	S	S	S
Academia de Dança 5	N	S	N
Academia de Dança 6	N	S	N
Academia de Dança 7	N	S	S
Academia de Ginástica 1	S	S	S
Escola de Circo 1	S	N	N
Escola de Circo 2	S	S	S
Escola de Circo 3	S	S	S
Escola de Circo 4	S	S	S
TOTAL	N= 9 (75%)	N= 11 (91,6%)	N= 8 (66,6%)

Todos os questionários foram entregues em mãos pela pesquisadora nos respectivos estabelecimentos, exceto 1 enviado por correio eletrônico devido à impossibilidade de encontrar o professor responsável pessoalmente, apesar das várias tentativas.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Optamos por realizar a análise, bem como a discussão dos dados, de acordo com as distintas categorias de sujeitos participantes (alunos, professores e proprietários), considerando o enfoque diferenciado dado aos questionários aplicados a cada um desses grupos e, por conseguinte, o conteúdo das respostas. É importante reforçar que a interpretação dos dados foi majoritariamente qualitativa, focada nos aspectos de maior relevância em função do objetivo deste estudo. Desse modo, salientamos tanto os aspectos convergentes como os divergentes na opinião dos entrevistados, buscando aqueles que revelaram maior importância com respeito ao problema desta pesquisa.

a) A OPINIÃO DOS ALUNOS

Dos 8 alunos consultados, 7 são do sexo feminino e 1 do sexo masculino. Com relação à faixa etária: 2 encontravam-se entre 18 e 24 anos; 4, entre 25 e 34 anos; e 1, entre 35 e 44 anos, 1 dos entrevistados não informou sua idade.

Quanto à escolaridade: 1 indivíduo possui ensino fundamental incompleto; outros 4, ensino superior incompleto (Medicina, Arquitetura e Dança); e 3, ensino superior completo (Marketing, Administração e Relações Públicas).

A renda mensal (familiar) dos participantes é de 10 ou menos salários mínimos – salário com base no valor de R\$ 500,00 na época – para 7 voluntários e de 11 a 20 salários mínimos para 1 dos participantes.

Como podemos ver, o perfil dos alunos é composto em sua maioria de mulheres, entre 18 e 34 anos, e que possuem ensino superior completo ou incompleto e renda média familiar de até 10 salários mínimos. Essa faixa etária que encontramos corrobora com a relatada no estudo realizado por Oliveira (2008), contudo merece destaque que, atendendo a uma determinação do Conselho de



Ética - FCM - UNICAMP, restringimos a consulta a sujeitos maiores de idade, fato que excluiu desta pesquisa a opinião dos alunos menores de 18 anos, os quais compõem uma parcela significativa da população de praticantes de TC em academias, conforme observado *a posteriori*.

Em relação à prática: 4 indivíduos afirmaram ter até 1 ano de prática da modalidade; 2 alunos, entre 2 anos e 2 anos e 11 meses; e 2 sujeitos, a partir de 3 anos. 4 deles afirmam que conheceram o aparelho por meio de amigos; 2, pela televisão; 1, na academia que frequenta; e 1, em curso de teatro. Esses dados sugerem que, ainda que haja incipiência da atividade, há considerável permanência dos alunos, já que o tempo de prática variou entre 6 meses e 3 anos. Relatou-se que na maioria das vezes o TC foi apresentado por amigos por meio da propaganda oral (“boca a boca”). Em seu trabalho, Oliveira (2008) encontrou que a propaganda da própria academia foi o que mais atraiu novos alunos à modalidade e, no segundo lugar, o contato de amigos ou a disponibilização de atividades circenses em universidades, tal qual em nosso estudo.

Os relatos indicam que os motivos que levaram à prática do TC são variados: a busca do condicionamento físico (“ficar mais forte”) foi indicada por 1 dos alunos; adquirir maior resistência física, por 1 também; a prática regular de atividade física, para 3 deles; a característica expressiva (artística) do TC, para 2 sujeitos; e, finalmente, a condição estética (“por ser uma atividade bonita”), por outros 3. Houve inclusive 1 sujeito que assinalou os 4 motivos mencionados.

Parece-nos que a busca por uma prática que contribua com o condicionamento físico e estético acompanha os objetivos regulares dos frequentadores de academia. Porém, os relatos revelam, em concordância com os estudos de Oliveira (2008) e Liz e col. (2010), motivos com os quais o aluno pode expressar-se durante a prática, uma característica peculiar às artes e por meio da qual se potencia a aderência de alunos à atividade, como veremos mais adiante. A menção, mesmo que sutil, ao fato de o TC proporcionar desafios em todas as aulas, que é, ademais, uma prática que permite desenvolver a expressão corporal, a enfrentar os medos e ampliar a criatividade, merecem destaque.

Quando indagamos sobre a relação que os praticantes mantinham com as artes do circo, perguntando sobre a frequência com que assistem a espetáculos circenses, 3 alunos responderam que acompanham eventos e espetáculos regularmente (sempre); outros 3 sujeitos disseram que acontece raramente; 1 participante assinalou que nunca frequentou atuações circenses; e, por fim, 1 deles relatou que já trabalha em espetáculos circenses. Buscando identificar os conhecimentos dos alunos sobre a história do circo, particularmente do TC, averiguamos que 4 deles não sabiam nada sobre tais questões, já 3 relataram saberes elementares e apenas 1 comentou com profundidade o assunto. Assim, pois, vemos que a maioria dos alunos frequenta regularmente espetáculos circenses, mantendo sua posição de espectador, com pouco conhecimento sobre os aspectos históricos da arte circense e do TC.

Quanto às aulas que frequentavam, os alunos ressaltaram diversos aspectos que consideram importantes para o bom desenvolvimento na modalidade. A realização do aquecimento dirigido foi assinalada 3 vezes. Por outra parte, os sujeitos mencionaram 2 vezes a prática constante do alongamento, o desenvolvimento da força e da resistência, a maturidade e responsabilidade do aluno, a presença constante do professor e seus *feedbacks* e o respeito ao limite de cada aluno por parte do professor. Por fim, foi citada 1 vez a importância das questões técnicas, o divertimento durante as aulas, a frequência regular aos treinos



e a força de vontade. Embora esses fatores sejam fundamentais nos debates atuais sobre a qualidade das aulas, chamou-nos a atenção o destaque dado à importância de os próprios alunos respeitarem seus limites, em outras palavras, a tomada de consciência de suas possibilidades e limitações, aspecto crucial na questão da segurança, como mencionam Bortoleto e Machado (2003) e Bortoleto e col. (2010).

Com respeito a suas expectativas em relação ao professor, os alunos relataram primordialmente a garantia de segurança (4 respostas), ensinar novos truques (ações motoras específicas do TC), corrigir e incentivar constantemente (2 respostas), e, por fim, entender as dificuldades do aluno, ser afetivo, mostrar profissionalismo constante, estabelecer diferentes formas de comunicação com os alunos, ajudar o aluno a se conhecer e possuir capacitação para socorro imediato (1 resposta). Entendemos, a partir dessas respostas, que os alunos estão atentos aos conhecimentos técnicos e especialmente ao domínio pedagógico, ao planejamento e constante renovação dos conteúdos e dos métodos de trabalho, bem como à inovação e variação das aulas e ao trato humano e cuidadoso na relação professor-aluno. A maior parte desses fatores também foi relatada pelos estudos de Oliveira (2008), Walter (2007) e Tahara e col. (2003).

Quando questionados sobre a academia que frequentavam, os alunos mencionaram o oferecimento de uma estrutura espacial e instrumental segura como principal aspecto no momento da escolha do local da prática. Para eles, usufruir de boas condições é um fator decisivo para o desenvolvimento pleno das aulas; 2 deles citaram ainda a manutenção (limpeza) do local e o acolhimento recebido; 1 aluno destacou a necessidade de manter poucos alunos por turma, bem como a manutenção periódica do tecido (lavagem e substituição quando apresenta rasgos ou furos), aspectos também citados no trabalho de Batista (2003) e Bortoleto e Calça (2007a).

Em geral, os alunos informaram que suas pretensões com a prática do TC consistem no aperfeiçoamento para apresentações (3 respostas), aprimoramento técnico – movimentos mais complexos – (3 respostas), futura profissionalização como artista (1 resposta) e uso do TC como instrumento para a prática religiosa <<evangelização>> (1 resposta). Grande parte dos sujeitos afirma que pretende se aperfeiçoar para apresentações de maior nível técnico e melhora técnica, embora não pretenda se profissionalizar como artista. Esses objetivos pessoais que fomentam a prática do TC parecem indicar a continuidade da atividade por um tempo prolongado, característica da formação do artista profissional (BORTOLETO, 2008), além de coincidir com as afirmações de Bortoleto e Machado (2003), quando destacaram que a aderência às atividades circenses está frequentemente ligada à profissionalização, inclusive quando a prática acontece fora dos espaços e das instituições tradicionalmente focadas na formação de artistas, como é o caso das academias.

b) A OPINIÃO DOS PROFESSORES

Dentre os professores consultados, 5 são do sexo feminino e 6 do sexo masculino. 4 deles eram de faixa etária compreendida entre os 18 e 24 anos; 6, entre 25 e 34; e 1, entre 35 e 44 anos. Com relação à escolaridade, 4 possuíam ensino superior incompleto (Educação Física e Artes Visuais), 7 tinham ensino superior completo (Psicologia, Educação Física e Dança) e 1, pós-graduação em nível de mestrado. A renda mensal familiar de 9 deles é de 10 ou menos salários



mínimos; 1, de 12 a 20; e 1, de 21 a 30. Contudo, a renda mensal obtida por meio das aulas de TC foi de 1 salário mínimo para 3 sujeitos, 2 salários para 4 indivíduos, 4 para 3 professores e 5 para 1 deles, mostrando uma grande variação dos ganhos oriundos deste tipo de prática profissional.

Sete dos sujeitos afirmaram que exercem outras atividades remuneradas além das aulas de TC. Indicaram também, com 1 resposta cada, a realização das seguintes atividades: pesquisa científica, atuação profissional nas artes do circo, ter projeto de apresentações artísticas para a comunidade, ministrar aulas de ginástica rítmica, ser artista circense e ministrar aulas de pilates.

O perfil dos professores, equilibrado entre o sexo masculino e o feminino, com faixa etária entre 18 e 34 anos e curso superior incompleto ou completo, coincide com o encontrado por Oliveira (2008) em outra localidade também do estado de São Paulo. O fato de a maioria desses profissionais exercer outras atividades remuneradas sinaliza a dificuldade em atuar unicamente nesta especialidade e indiretamente a incipiência desta prática no município estudado, onde apenas uma pequena porcentagem das academias oferece esta atividade.

Quando indagados sobre onde iniciaram a prática do TC, 2 professores relataram a Faculdade de Educação Física - UNICAMP, e os demais lugares foram citados apenas 1 vez: Clube Bonfim - Campinas, Grupo Mosaicon - Campinas; SESC; Atividade extracurricular em escola; Escola de circo; UNICAMP - Instituto de Artes; e Centro Cultural Martin Cererê - Goiânia. 1 dos professores não informou o local. Por outra parte, revelaram nomes de alguns de seus mestres/professores, entre eles: Jean Passos, acrobata aéreo formado pela Escola Nacional de Circo (ENC - RJ); Maria Delizier, professora da ENC; Alex e Marion Brede, circenses tradicionais (Cia do Circo - Campinas); Marília Ennes e Marcos (Trupe Paraladosanjos - Campinas); Diego L. Ferreira (Aerius Circos); e Marinice Vieira, licenciada em Educação Física (FEF - UNICAMP). Podemos perceber nestas respostas que o TC vem sendo ensinado/divulgado por diferentes instituições e profissionais, relacionados na sua maioria ao universo artístico circense (Escola Nacional de Circo, Clubes, Escolas privadas de Circo), característica já ressaltada no estudo de Bortoleto e Calça (2007a).

Sobre o tempo (experiência) de prática (treino e ensino): 1 dos professores relatou entre 2 anos e 2 anos e 11 meses; 3, entre 3 anos e 3 anos e 11 meses; 2 deles, de 7 anos a 7 anos e 11 meses; outros 2, de 8 anos a 8 anos e 11 meses; e 3 profissionais, acima de 10 anos. 5 professores afirmaram frequentar regularmente os espetáculos circenses, e outros 5 informaram já haver trabalhado em espetáculos desta natureza. Por outra parte, 6 deles assinalaram que raramente vão a eventos desta categoria. 1 sujeito realizava apresentações circenses em eventos, 1 treinava num circo e 1 esteve em vários circos como observador. Sobre o conhecimento acerca da história do TC, 7 indicaram saber a "possível" origem dessa prática, e outros 4 indicaram saber "com certeza".

Vemos que os professores tiveram o primeiro contato com a prática do TC na própria cidade de Campinas, apresentando experiência variável entre 2 e 10 anos, além de grande parte deles não possuir relação profissional com o circo, igualmente ao indicado por Oliveira (2008). As respostas revelam conhecimento pouco profundo sobre as questões históricas, ou mesmo sobre a atual situação do TC nas academias, mostrando que os professores estavam focados nas questões pedagógicas.

Quanto aos aspectos didático-metodológicos das aulas, os profissionais consideram importantes os seguintes: segurança (10 respostas), técnica (7),



aspectos artísticos (3), condicionamento físico (2), diferentes formas de comunicação com o aluno (1), ajuda-suporte ao corpo em diferentes movimentos ou figuras (4) e disciplina (1). Sobre a idade ideal para o início da prática do TC, as opiniões foram polarizadas: por um lado, com 1 resposta, 4, 5 e 10 anos, e por outro, com 4 respostas, aos 7 anos de idade. Apenas 1 professor afirmou que o começo do aprendizado não tem idade ideal e depende do trato pedagógico para que possa ser realizado com êxito. Cabe destacar, segundo Oliveira (2008) e Walter e col. (2007), que crianças em idade escolar já estão aptas à prática de TC, embora nossos dados não corroborem completamente essa questão. Apesar disso, a maioria dos professores afirmou que seus alunos estavam na faixa etária entre 15 e 45 anos (recordando que nesta pesquisa não consideramos os alunos menores de 18 anos).

Ainda sobre as questões pedagógicas e de conteúdo, todos os sujeitos consideram fundamental a atenção especial aos aspectos de segurança, ressaltando a importância do uso de colchões (cf. BORTOLETO, FERREIRA, JACQUES, 2010) (8 respostas), uso de vestimentas adequadas (2 respostas), a proximidade ao aluno durante a aula (4 respostas), ter bons conhecimentos técnicos e verificar sempre os equipamentos (3 respostas), apresentar uma pedagogia sólida e progressiva com relação à dificuldade/complexidade dos exercícios que compõem o processo de ensino-aprendizagem (3 respostas), não ensinar “truques” muito arriscados (1 resposta), utilizar *lonja* << sistema de corda e cintos para segurança >> (1 resposta) e manter um número de alunos reduzido nas turmas (1 resposta).

A opinião dos professores sobre suas perspectivas em relação à academia em que trabalham apresenta destaque para a necessidade de novos investimentos em manutenção e infraestrutura (6 respostas), maior divulgação do trabalho (5 respostas), melhor serviço de secretaria e mais valorização do trabalho (ambos com 1 resposta). Todos os consultados afirmaram que acreditam no crescimento da prática do TC na cidade de Campinas num futuro próximo.

Por fim, os professores destacaram a dificuldade com dispersão terminológica (nomenclatura dada às técnicas e truques próprios do TC), coincidindo com as afirmações de Bortoleto e Calça (2007b), além da potencialidade que o TC possui de conciliar prazer, saúde, conscientização e expressão corporal, ludicidade e criatividade quanto às questões artísticas.

c) A OPINIÃO DOS PROPRIETÁRIOS

Das informações subministradas pelos proprietários em relação à duração das aulas de TC oferecidas, obtivemos: 1 resposta com menos de 1 ano de oferecimento; 3 respostas entre 1 e 5 anos; 2 respostas entre 10 e 12 anos; e 2 entre 13 e 15 anos. Apenas 1 deles nada informou. A atividade de maior destaque dentre as oferecidas nessas instituições é o próprio TC em 3 dos casos, bem como o Jazz, Trapézio Circense, Dança, Balé Clássico, Musculação e Sapateado/Dança Irlandesa para as outras, respectivamente. O fato de tais estabelecimentos terem o TC como sua atividade principal pode ser explicado ao observarmos que parte dos locais participantes da pesquisa é de “escolas de circo”, isto é, espaços privados que se dedicam ao ensino de diferentes modalidades circenses (lira, trapézio, malabares, etc.), embora seja o TC a prática que mais atrai alunos, corroborando as afirmações de Bortoleto e Calça (2007a).

Três dos proprietários afirmaram ter tido o primeiro contato com o TC por meio dos professores, e outros 3, mediante espetáculos circenses. Já em relação aos alunos, por intercâmbio com país estrangeiro e por intermédio de amigos tiveram 1



menção (1 resposta cada). O início das aulas de TC aconteceu, segundo 1 proprietário, por iniciativa própria; para outros 5, por sugestão dos professores; para outros 2, devido aos pedidos de alunos que já frequentavam o estabelecimento; e finalmente, 1 deles assinalou que a academia surgiu para oferecer aulas dessa modalidade. Logo, o público-alvo relatado consiste de crianças (3 respostas), adolescentes e jovens universitários (5 respostas), adultos (5 respostas), pessoas que desejam uma atividade de condicionamento físico ou apresentações artísticas (1 resposta) e mulheres de diversas faixas etárias (1 resposta).

A seleção dos professores aconteceu, segundo 1 dos proprietários, por amizade; já outros 6 mencionaram que houve indicação da qualificação por parte de outros profissionais da área. Foi indicado ainda que 1 professor procurou a academia, e em 1 menção, o próprio proprietário atua como professor. Curiosamente, não foi mencionado – ao menos diretamente – que a formação técnica específica (segurança, instalação do equipamento, processo pedagógico do TC) ou a formação em Educação Física tenham sido fatores decisivos no momento de contratar os professores. Somente 1 proprietário comentou acerca da importância do profissional de Educação Física como professor.

Como vimos, a iniciativa dos professores-especialistas é ainda fundamental para a promoção e implementação dessa atividade, evidenciando que esse tipo de conhecimento deve ser reforçado ao longo da formação dos profissionais de Educação Física. Oliveira (2008) relatou que o oferecimento do TC é uma forma de as academias aumentarem sua competitividade com respeito ao mercado, aspecto também comentado pelos proprietários.

Em 5 das academias, a média salarial do professor é igual à de professores de outras modalidades/práticas. Em outras 2, o valor pago por aula é maior, e 1 dos proprietários relatou que o pagamento do professor de TC é diferente do pagamento de outros. Apenas 1 estabelecimento não comentou esse assunto. Já o valor pago pelos alunos é igual ao de outras modalidades em 6 academias, e é menor em 2; 1 estabelecimento não informou. Comentou-se, ainda, que na maioria dos estabelecimentos as aulas são oferecidas em “pacotes fechados” (semestrais ou anuais).

Analisando as expectativas iniciais dos proprietários em relação ao oferecimento do TC em seus respectivos estabelecimentos, 2 deles ressaltaram que buscavam contribuir para a promoção de uma prática que resulte num produto artístico (formação artística); outros 5 visavam a conquistar novos alunos por meio do TC; 1 deles ressaltou que pretendia motivar seus alunos, que andavam desestimulados, com os cursos regulares de dança; 1 deles indicou ainda que pretendia impulsionar o crescimento da empresa por meio dessa atividade. Todos os proprietários afirmaram que suas expectativas foram atendidas e que esperam ainda melhores resultados num futuro próximo. Alguns deles (5 respostas) mencionaram que a criação de grupos e/ou espetáculos é uma estratégia que deve ser adotada para ampliar a divulgação da atividade; 6 deles acreditam que o número de alunos deve aumentar em breve e que novas turmas deverão ser oferecidas à medida que a modalidade for mais conhecida. Em contrapartida, 1 deles não acredita que a modalidade continue crescendo do mesmo modo que nos anos anteriores, considerando que se trata de uma prática exigente e que é cada vez mais difundida nas academias da cidade.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo revela que a prática do TC está em pleno desenvolvimento e crescimento nas academias de ginástica e espaços similares na cidade de Campinas-SP, conquistando paulatinamente um número maior de adeptos, uma tendência semelhante à apresentada por Oliveira (2008) em outro município.

Outra característica distintiva é que os praticantes tendem a permanecer por um longo período na atividade, condição altamente interessante para este tipo de empreendimento. A alta rotatividade dos alunos em academias é um fator que constantemente preocupa os gestores desse tipo de empreendimento (TAHARA; SCHWARTZ; SILVA, 2003). Contudo, no caso do TC, esse problema não foi constatado nesta pesquisa.

Em relação às academias estudadas, percebemos que a procura crescente de alunos por aulas de TC vem motivando outros estabelecimentos a implantarem essa modalidade, ampliando a concorrência e, conseqüentemente, oferecendo um novo espaço de trabalho para os profissionais da área da Educação Física, da Dança e também para artistas circenses. Entendemos que o crescimento deste binômio oferta-procura deverá contribuir para a maior qualificação dos profissionais e dos serviços oferecidos. Apesar disso, o número de academias e escolas de circo na cidade mostrou-se menor do que o esperado num primeiro momento, com aparente diminuição do contingente de professores entre os anos de 2009 e 2010, período posterior ao da coleta de dados.

Merece destaque o fato de algumas das instituições consultadas terem suas aulas ministradas pelo próprio proprietário, já que esses estabelecimentos possuem uma estrutura administrativa familiar, funcionando em alguns casos na informalidade. Algumas de fato têm no TC sua atividade principal, mostrando uma nova vertente empresarial.

Independentemente disso, estamos diante de uma inovadora e já instalada realidade, na qual as atividades circenses aparecem como mais uma possibilidade de prática nas academias, ampliando os objetivos e espaços de prática possíveis relatados por Bortoleto e Machado (2003). Logo, observamos uma busca por este tipo de prática não exclusiva ao público interessado na capacitação profissional/artística, mas agora aberta a um público muito mais amplo e diverso, o que certamente exigirá adequações nas infraestruturas disponíveis e também na elaboração de propostas pedagógicas suficientemente amplas para darem conta desta heterogeneidade do público e de suas expectativas e possibilidades.

Assim, mesmo que alguns princípios técnicos e estéticos sejam compartilhados, a diferença no tempo de dedicação, nos objetivos pessoais e, por conseguinte, no tipo de atividade oferecida deverá ser considerada pelos profissionais do setor.

Entendemos que este seja um fenômeno ainda pouco debatido no âmbito acadêmico-científico e que os dados levantados, embora preliminares e locais, mostram a urgente necessidade do oferecimento de cursos de formação (desde a formação inicial e também de forma continuada) aos profissionais do setor, fato que não pode passar despercebido pelas Instituições de Ensino Superior. Como exemplo dessa iniciativa, destacamos o componente curricular *EF941 – Tópicos Especiais em Educação Física: Circo*, da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, o qual tem por objetivo discutir os princípios pedagógicos de algumas das modalidades circenses. De modo complementar, destacamos os projetos de extensão universitária oferecidos nessa instituição (atividades circenses para crianças, roda



alemã, tecido circense, trapézio e o encontro aberto de circo), os quais representam espaços que permitem o estágio prático para os alunos que desejam se especializar no ensino das atividades circenses. Por meio dessas iniciativas, pretendemos ampliar o debate sobre o assunto, bem como difundir a arte circense na universidade, destacando os aspectos pedagógicos específicos possíveis para cada um dos âmbitos de intervenção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70, 5. ed., 2009.

BATISTA, N. S. **O Tecido Circense como manifestação da cultura corporal: fundamentos técnicos e metodológicos**. Monografia de conclusão de curso – Universidade Estadual de Maringá, 2003.

BORTOLETO, M. A. C. **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. Jundiaí: Fontoura, 2008.

BORTOLETO, M. A. C.; CALÇA, D. H. O Tecido circense: fundamentos para uma pedagogia das atividades circenses aéreas. **Revista Conexões**, Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, vol. 2, 2007a, p. 73-89.

BORTOLETO, M. A. C.; CALÇA, D. H. Circo e Educação Física: *Compendium* das Modalidades Aéreas. **Movimento e Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, SP, vol. 8, n. 11, jul./dez., 2007b, p. 345-360.

BORTOLETO, M. C. A.; FERREIRA, D.; JACQUES, V. Segurança no circo: princípios básicos. In: BORTOLETO, M. A. C. **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. vol. 2. Jundiaí: Fontoura, 2010.

BORTOLETO, M. A. C.; MACHADO, G. A. Reflexões sobre o Circo e a Educação Física. **Revista Corpoconsciência**, Santo André, vol. 2, n. 12, 2003, p. 36-69.

BUCHINIANI, R. G. **A palhaçada no direito, o jurídico no circo**. São Paulo, 2006.

DE GÁSPARI, J. C.; SCHWARTZ, G. M. Vivências em arte circense: motivos de aderência e expectativas. **Revista Motriz**, Rio Claro, vol. 13, jul./set. 2007, p. 158-164.

DESIDERIO, A. **Corpos Suspensos**: o tecido circense como possibilidade para a educação física escolar. Trabalho de conclusão de curso (Graduação), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

DUPRAT, R. M.; BORTOLETO, M. A. C. Educação Física escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, vol. 28, n. 2, 2007, p. 171-189.

GALLAHUE, D. L. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 3. ed. São Paulo: Phorte, 2005.



GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL FLORES, J.; GARCIA JIMENEZ, E., RODRIGUEZ GOMEZ, G. **Metodología de la investigación cualitativa**. Madrid: Aljibe, 1996.

LIZ, C. M. *et al.* Aderência à prática de exercícios físicos em academias de ginástica. **Revista Motriz**, Rio Claro, vol. 16, n. 1, 2010, p. 181-188.

MARCELLINO, N. C. Academias de ginástica como opção de lazer. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, vol. 11, n. 2, jun., 2003, p. 49-54.

OLIVEIRA, R. B. **Atividades Circenses em Academias**: uma nova opção no âmbito do lazer, 2008. (Trabalho de conclusão de curso) – Instituto de Biociências, UNESP – Campus de Rio Claro, 2008.

PEREIRA, C. P. **Metodologia de ensino de acrobacias aéreas no tecido circense**. 2006 (Relatório Final de Iniciação Científica). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas). **Academias de Ginástica, Segmentos Apoiados, Setor de Serviços**. Brasil, fev., 2010.

SERRA, C. S. **Aproximando a educação física às artes cênicas**: metodologia de ensino do tecido circense. 2006. (Trabalho de conclusão de curso) - Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

SILVA, E. **O circo**: sua arte e seus saberes: o circo no Brasil do final do século XIX a meados do XX. 1996. (Dissertação de Mestrado em História da Arte) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

SUGAWARA, C. B. **Figuras e quedas para corda lisa e tecido**: fundamentos. Funarte: São Paulo, 2008.

TAHARA, A. K; SCHWARTZ, G. M; SILVA, K. A. Aderência e manutenção da prática de exercícios em academias. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília, vol. 11, n. 4, out./dez., 2003, p. 7-12.

WALTER, D. R. *et al.* Análise Biomecânica do movimento “secretária” no tecido circense. **Anais do IV Fórum Internacional de Ginástica Geral**, Campinas, 2007, p. 125-127.

O CIRCO vai à academia. **Revista Fitness Business Latin America**, n. 31, mai/jun, 2007, p. 26-31.

Recebido: 10/03/2011

Aprovado: 08/04/2012